

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC

CURSO DE HISTÓRIA

FABRÍCIO TEODORO ABDEL QADER

**REPRESENTAÇÕES DO CONTESTADO NOS LIVROS DIDÁTICOS UTILIZADOS
NAS ESCOLAS CATARINENSES NO ENSINO FUNDAMENTAL (2000-2010)**

CRICIÚMA

2013

FABRÍCIO TEODORO ABDEL QADER

**REPRESENTAÇÕES DO CONTESTADO NOS LIVROS DIDÁTICOS UTILIZADOS
NAS ESCOLAS CATARINENSES NO ENSINO FUNDAMENTAL (2000-2010)**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado
para obtenção do grau de Licenciado e
Bacharel no curso de História da Universidade
do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientador: Prof. Me. Paulo Sergio Osório

CRICIÚMA

2013

FABRÍCIO TEODORO ABDEL QADER

**REPRESENTAÇÕES DO CONTESTADO NOS LIVROS DIDÁTICOS UTILIZADOS
NAS ESCOLAS CATARINENSE NO ENSINO FUNDAMENTAL (2000-2010)**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Licenciado e Bacharel no Curso de História da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Práticas de Ensino de História.

Criciúma, 2013

BANCA EXAMINADORA

Prof. Paulo Sergio Osório - Mestre - (UNESC) - Orientador

Prof. Marli de Oliveira Costa – Doutora - (UNESC)

Prof. Michele Gonçalves Cardoso – Mestre - (UDESC)

Agradeço primeiramente a minha família e aos meus colegas que me apoiaram durante todos esses anos, não esquecendo do dono do bar 3AAA, meu amigo Darlan. Também agradeço aos meus vizinhos, que sempre estiveram ao meu lado.

**“Que haja uma luz para você quando todas
as outras luzes se apagarem.”**

***Galadriel*, J.R.R. Tolkien**

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo retratar como a Guerra do Contestado está representada nos livros didáticos, pois este material tem como público-alvo os estudantes das escolas de todo o país. A Guerra do Contestado se estendeu de 1912 a 1916, e foi um dos mais significativos movimentos sociais que surgiram no Brasil. Pode-se encontrar uma diversa produção historiográfica sobre o Contestado, norteadas por tendências diversas. Dentre elas, podemos destacar a tendência tradicional, marxista e a nova história cultural, cada qual com um olhar diferenciado sobre este fato. Nos livros didáticos encontramos a mesma situação, pois cada autor traz um ponto de vista sobre a história e como esta deve ser ensinada. Para a realização deste trabalho foi feita uma pesquisa bibliográfica, na qual selecionamos três obras de autores que retratam cada uma das tendências citadas anteriormente; são Oswaldo Rodrigues Cabral, Marli Auras e Paulo Pinheiro Machado. Para que fosse possível definir qual tendência cada um deles segue, utilizei as reflexões de Peter Burke, que em seu livro *A Escrita da História: fundamentos e métodos* destaca vários pontos de contraste entre estas tendências. Através desta pesquisa pude observar a grande quantidade de livros didáticos que seguem a tendência tradicional, pois estes livros hoje em dia são produzidos por empresas que por muitas representam interesses estrangeiros que veem neste crescente mercado uma grande oportunidade de lucro, sendo assim produzem livros que tem como função transmitir informação ao invés de construir o conhecimento.

Palavras-chave: Contestado. Livros didáticos. Tendências.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Mapa da região do Contestado.	14
Figura 2 - Livro didático elaborado por Patrícia Ramos Braick.....	27
Figura 3 - Imagem da região do Contestado.	29
Figura 4 - Livro didático elaborado por Nelson Piletti.	31
Figura 5 - Mapa da região do contestado e o traçado da ferrovia.	33
Figura 6 - Livro didático elaborado por Joelza Ester Rodrigue.....	34
Figura 7 - Mapa da região do Contestado, onde aparece não somente a região contestada mas também os locais onde houve as batalhas entre os caboclos e as forças do governo.....	36

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 HISTORIOGRAFIA DO CONTESTADO: UMA INTRODUÇÃO AO DEBATE	14
2.1 TENDÊNCIA TRADICIONAL.....	14
2.2 TENDÊNCIA MARXISTA	18
2.3 TENDÊNCIA DA NOVA HISTÓRIA CULTURAL.....	21
3 O CONTESTADO NOS LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA NO ENSINO FUNDAMENTAL (2000 A 2010)	26
3.1 HISTÓRIA: DAS CAVERNAS AO TERCEIRO MILÊNIO	27
3.1.1 Contestado.....	28
3.2 HISTÓRIA E VIDA INTEGRADA.....	31
3.3 HISTÓRIA EM DOCUMENTOS: IMAGENS E TEXTOS	34
3.3.1 Contestado.....	35
4 CONCLUSÃO	37
REFERÊNCIAS.....	39

1 INTRODUÇÃO

A Guerra do Contestado se estendeu de 1912 a 1916 e foi um dos mais significativos movimentos sociais que surgiram durante a Primeira República. Este fato ocorreu em uma área contestada por Paraná e Santa Catarina, onde se localizavam as cidades de Campos Novos, Curitiba e Lages. A importância reside no fato de este movimento expressar formas de lutas em diversos sentidos: luta pela posse e uso da terra, pela preservação de valores culturais presentes em sua religiosidade, pela própria sobrevivência, luta contra a penetração das relações capitalistas no campo, bem como outros aspectos. Pela importância histórica deste fato resolvi realizar esta pesquisa para que fosse possível perceber dentro da ótica de várias tendências pedagógicas como estas retratam o contestado percebendo também como esse conhecimento chega aos alunos das escolas do Brasil.

A partir da década de 1950, aparecem os primeiros estudos acadêmicos de maior consistência sobre a temática. Entre as décadas de 1950 e 1970, destacam-se autores clássicos, como Maria Isaura de Queiroz, Mauricio Vinhas de Queiroz e Douglas Monteiro. Nas décadas seguintes, surgiu um número significativo de estudos sobre o Contestado, dentro das mais variadas perspectivas. Tratam-se de produções originadas na academia e fora dela, por historiadores, sociólogos, antropólogos, filósofos, literatos e educadores. Se fizermos um levantamento acerca da literatura produzida sobre o Contestado, será possível encontrar mais de 50 obras. Contudo, não é nosso objetivo analisar toda essa produção e sim fazer uma análise do Contestado nos livros didáticos do Ensino Fundamental.

Desta maneira, diante de todo este cenário, não poderíamos deixar de esboçar uma pequena análise da produção historiográfica do Contestado, este trabalho baseia-se em uma pesquisa bibliográfica tanto em obras literárias quanto em livros didáticos que por sua vez são frutos de obras literárias que seguem as mais diversas tendências. Para tal, buscamos as reflexões de Peter Burke, destacando seis pontos de contraste entre a história tradicional e a Nova História.

O primeiro ponto refere-se essencialmente à história política, como expressa a frase: “História é a política passada, política é a história presente”¹, pensamento este que se difundia no século XIX. O paradigma tradicional não

¹ BURKE, Peter. **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Ed. UNESP, 1992. p.10.

abandona totalmente os outros campos como história da arte ou das ciências, apenas os considera periféricos ao interesse dos historiadores. Já a Nova História começou a se interessar por toda e qualquer atividade humana, desde a infância até a morte de qualquer ser humano. A base da Nova História é a concepção de que a realidade é social ou culturalmente constituída.

O segundo ponto refere-se à narrativa dos acontecimentos. A tendência tradicional preocupa-se em apenas narrar os fatos, enquanto a Nova História foca-se na análise dos fatos e das estruturas sociais. Para tal, Burke cita "Mediterranean", obra de Fernand Braudel, a qual rejeita a história dos acontecimentos. Para Braudel, o que realmente importa são as mudanças econômicas e sociais a longo prazo.

Em terceiro lugar, a história tradicional tem uma visão dos acontecimentos vistos de cima, ressaltando grandes personagens da história que, em sua maioria, são representantes do governo, generais e ocasionalmente figuras religiosas, como padres e bispos, sendo que as demais pessoas assumem um papel secundário na trama da história. Nessa perspectiva, os historiadores da Nova História mostram-se preocupados com uma história vista de baixo, ou seja, com as opiniões das pessoas comuns e com sua perspectiva de mudança social.

O quarto ponto trata das fontes utilizadas para produção do saber histórico. Para a tendência tradicional, a história deveria ser baseada em documentos oficiais, emanados do governo e preservados em arquivos. Essa visão provocou a negligência quanto ao uso de outros tipos de fontes. Assim, a Nova História mostrou as limitações destas fontes, por se basearem apenas em registros oficiais, os quais retratam apenas um lado da história. Para reconstruir um fato histórico, tais registros necessitam ser suplementados por outros tipos de fontes, como por exemplo as fontes orais. Assim, amplia-se o leque de informações disponíveis e a noção de fontes.

O quinto ponto discute que o paradigma tradicional narra a atuação dos personagens evidenciados na documentação. Esse tipo de investigação histórica tem criado divergências entre os historiadores contemporâneos, principalmente porque falha na avaliação da variedade de questionamentos dos historiadores. De acordo com o paradigma da Nova História Cultural, a história deve focar tanto nas ações coletivas quanto individuais, tanto nas tendências quanto nos acontecimentos, possibilitando ao historiador uma visão maior da realidade em que o fato ocorre. Sendo assim, amplia-se o número de perguntas que um historiador pode formular.

O sexto ponto discorre acerca das vozes da história. Segundo o paradigma tradicional, a história é objetiva e, portanto, a tarefa do historiador consiste em apresentar os fatos aos leitores tal como realmente aconteceram, baseando-se nos registros oficiais mantidos pelo governo. Já a Nova História, apresenta as múltiplas vozes, variadas e opostas, evidenciando os dois lados da história, tanto dos vitoriosos quanto dos vencidos. Os historiadores dessa linha preocupam-se com toda a abrangência da atividade humana, sendo interdisciplinares, no sentido de aprenderem a colaborar com outros segmentos da história, bem como com antropólogos sociais, economistas e críticos literários.

Peter Burke reflete sobre as várias formas de se escrever a história, sendo assim mostra que esta não é única e verdadeira, e sim uma representação ideológica de quem a escreve. Por isso, sua contribuição é importante, pois através dos pontos de contraste é possível visualizar essa divergência entre as ideologias.

A partir destes seis pontos fizemos uma classificação da historiografia catarinense e destacamos três tendências: tendência Tradicional, Marxista e a Nova História Cultural.

No primeiro capítulo será realizada uma pesquisa historiográfica, retratando as várias tendências que norteiam a produção do saber histórico, bem como o olhar de cada uma delas sobre a Guerra do Contestado, para a elaboração deste capítulo serão utilizados três autores que trabalham com a temática da guerra do contestado: Oswaldo Rodrigues Cabral, Marli Auras e Paulo Pinheiro Machado. A partir destas reflexões sobre as tendências que norteiam a produção histórica, veremos como a Guerra do Contestado está representada nos livros didáticos atualmente.

. No segundo capítulo trataremos a análise dos livros didáticos, onde poderá ser observada as ideologias que norteiam cada um deles. Os livros a serem trabalhados neste segundo capítulo são: *História : das cavernas ao terceiro milênio*, de Patrícia Braick Ramos e Myriam Becho Mota, publicado pela editora Moderna; *História e Vida Integrada*, de Nelson Piletti e Claudino Piletti, publicado pela editora Ática, e *História em Documento*, de Joelza Ester Rodrigue, publicado pela editora FTD.

2. HISTORIOGRAFIA DO CONTESTADO: UMA INTRODUÇÃO AO DEBATE

Tendo em vista os conceitos de Burke neste primeiro capítulo esboçaremos um pouco do que já se produziu sobre o Contestado. Através desta pesquisa bibliográfica será possível perceber como cada tendência retrata a guerra do contestado.

2.1 TENDÊNCIA TRADICIONAL

Oswaldo Rodrigues Cabral foi professor universitário, historiador, médico, fez parte do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil, e foi deputado pela UDN. Dedicou grande parte de sua vida acadêmica a retratar a história catarinense. Suas principais obras foram *Nossa Senhora do Desterro*, *A História da Política em Santa Catarina durante o Império* e *A Campanha do Contestado*.

A obra de Cabral a ser analisada é *A Campanha do Contestado*, publicada em 1979. A obra está estruturada em quatro capítulos. No primeiro capítulo, o autor aborda a geopolítica e a questão de limites, dando uma noção de como é o território na região contestada. No segundo capítulo, o autor aborda os monges João Maria de Agostini, João Maria de Jesus e José Maria. No terceiro capítulo, o autor aborda a questão da campanha do Contestado, e no quarto e último capítulo o autor aborda a sobrevivência religiosa e a santificação de São João Maria pelos caboclos.

Dentre vários motivos para a Guerra do Contestado, estão as questões referentes à política e à economia, que não só influenciaram no Contestado, mas também em várias outras revoltas ocorridas no país. Para Cabral, o grande estopim do conflito foi a política expansionista de Santa Catarina e Paraná, que contestavam para si a posse das terras do oeste catarinense, compreendendo as cidades de Campos Novos, Curitiba e Porto União, conforme podemos observar abaixo:

Figura 1 - Mapa da região do Contestado.



Fonte: <http://www.estudopratico.com.br/Guerra-do-contestado-causas-consequencias-e-imagens>.

Cabral, no segundo capítulo de seu livro, nos dá uma visão geral de seu conceito sobre os monges. O primeiro deles, João Maria de Agostini, era um anacoreta (monge cristão que vivia em retiro) de cabelos longos e grisalhos, barba longa e olhar manso, que desejava a solidão e o isolamento e as durezas da vida contemplativa. O segundo monge, João Maria de Jesus, se parecia muito como primeiro, mas o autor aborda a existência de dois monges como um fato de que o segundo não passava de um impostor a ser desmascarado.

Esta simultaneidade poderia, entretanto, conduzir ao desmascaramento, a qualquer instante, do impostor pelo autêntico que, como ficou patente, não era homem que temesse internar-se pelos sertões para surgir, inesperadamente, num ponto ou noutro.²

José Maria, o terceiro monge, surgiu quando a memória de João Maria ainda era muito recente, pois os sertanejos acreditavam que ele não poderia morrer. José Maria, por sua vez, dizia-se irmão de João Maria. Segundo Cabral, este monge também era um impostor, que tomava pra si os feitos de seus predecessores:

² CABRAL, Oswaldo Rodrigues. **História de santa Catarina**. Rio de Janeiro, Laudes, 2 ed.1970. 144p.

não era, entretanto, este impostor, um desconhecido. A sua identidade era perfeitamente conhecida alhures, menos, esta visto, nos sertões onde se refugiara e dos sertanejos que já santificavam a memória de João Maria.³

Mais tarde, José Maria revelaria seu verdadeiro nome: Miguel Lucena de Boaventura, um ex-soldado do Paraná. Apareceu para dar continuidade a evangelização de João Maria, que era muito admirado na região. José Maria distinguia-se em vários pontos dos outros monges que o antecederam:

era menos religioso em seus hábitos, não apreciava o isolamento, não se recolhia para colocar-se em contato com o criador, não se mortificava nem fazia penitências. A frugalidade, a continência, a caridade que nos outros foram virtudes patentes, não eram o seu forte. Conta-se mesmo que, da sua fama, que logo adquiriu, procurava tirar lucro e que de suas crentes, quando eram bonitas fazia suas companheiras.⁴

Como podemos observar, Cabral faz apenas uma narrativa da vida dos monges, não se preocupando em analisar as estruturas sociais da época. É importante lembrar que a região do Contestado vivia uma fase de angústia, causada pelas questões de limites entre Paraná e Santa Catarina. Como se isso não bastasse, os caboclos sofreram outro golpe com a implantação da estrada de ferro São Paulo - Rio Grande. Com isso José Maria viria a juntar mais adeptos:

entre os que se agrupavam em torno do monge estava boa parte daqueles que, expulsos das terras, haviam ficado sem domicílio certo, sem fontes de trabalho e de renda, resultado da concessão feita a São Paulo - Rio Grande.⁵

Essa grande desordem causada pela estrada de ferro fez com que população cabocla migra juntamente com o monge José Maria pelos sertões. O autor afirma que José Maria, como ex-combatente, organizou acampamentos aos quais denominou quadros santos. Assim acabou atraindo a preocupação do governo que via em seu agrupamento uma forte possibilidade de desordem. Não demorou muito para que o governo de Santa Catarina iniciasse uma campanha para dismantelar seu reduto:

Não houve dificuldades que obrigassem o emprego da violência para dissolver o grupo. José Maria atendeu as autoridades e levando o acampamento, desmanchando o quadro santo, transpôs as fronteiras do

³ Idem. p.179.

⁴ Idem. p.180.

⁵ Idem. p.181.

estado, indo fixar-se nos campos do Irani, então município de palmas (estado do Paraná) e hoje de Joaçaba (Santa Catarina).⁶

Segundo Cabral, com a notícia da chegada desta leva de pessoas ao estado do Paraná, o governo preparou suas forças não para reprimir um bando de fanáticos, mas para dispersar um bando armado de catarinenses. No dia 22 de outubro de 1912, os soldados liderados por João Gualberto Gomes lançam seu ataque ao Irani, instalando o caos no Contestado.

Iniciava-se assim em 22 de outubro, a campanha armada do Contestado. O sangue fora derramado. Quando isto acontece, o ódio penetra no coração dos homens. O desejo de vingança exige mais sangue. vem das eras primitivas ser o preço do sangue o próprio sangue. Quem o derrama de outrem, terá o seu derramado.⁷

Cabral retrata em sua obra uma visão preconceituosa dos sertanejos, tendo um olhar de cima sobre os fatos, ressaltando personagens históricos e deixando de lado o povo que foi parte fundamental no desenrolar do Contestado.

Um dos personagens principais desta revolta foi o caboclo ou sertanejo que viu sua vida mudar radicalmente com a chegada da estrada de ferro. Mas quem é esse personagem que habitava o planalto catarinense? Para responder a essa pergunta busco nas reflexões de Élio Serpa, em seu livro intitulado *A Guerra do Contestado*, no qual nos traz uma noção de como se deu o povoamento do planalto. Segundo Serpa, a ocupação do planalto ocorreu em duas frentes: a pastoril e a extrativa. A frente pastoril consistia basicamente de fazendeiros que começaram a ocupar o planalto com o intuito de criar gado. Para trabalhar nestas fazendas foram empregados escravos e peões vindos de lugares diferentes do país e também alguns indígenas que já habitavam essas terras e que, expulsos de suas terras, foram incorporados às fazendas.

No que se refere à frente extrativa o autor destaca a extração de erva mate, pois os fazendeiros anteriormente citados permitiam aos seus funcionários colhessem a erva e que comercializassem nas vendas da cidade. A partir da segunda metade do século XIX, a extração passa a ser realizada em grande escala, visando o mercado internacional. Muitas pessoas que vieram trabalhar na colheita da erva mate acabaram se deparando com o monopólio dos fazendeiros. Impedidos

⁶.Idem, p 183.

⁷ Idem, p 185.

de criar gado e extrair a erva mate, estes começaram a criar pequenas roças, de onde tiravam apenas os produtos para sua sobrevivência.

2.2 TENDÊNCIA MARXISTA

Marli Auras é uma professora aposentada da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina) e autora do livro *Guerra do Contestado: A Organização da Irmandade Cabocla* (lançado em 1984 pela Ed. da UFSC e pela Ed. Cortez). Possui graduação e licenciatura em Geografia também pela UFSC, tendo trabalhado em assuntos como História da Educação.

A obra está estruturada em três capítulos. No primeiro capítulo, a autora aborda a desestruturação da ordem vigente pela presença do grupo Farquhar, o qual era responsável pela construção da estrada de ferro que ligava São Paulo ao Rio Grande do Sul. No segundo capítulo, é retratada a estruturação de uma nova ordem pelo conflito “peludo” versus “pelados”. Já o terceiro capítulo aborda a articulação e o acaso da visão de mundo da irmandade.

Marli Auras tem para a questão do Contestado um olhar diferenciado do tradicional, que exaltava personagens e consistia em narrar os fatos. Auras foca seus estudos na análise do cotidiano dos sertanejos, bem como em suas relações sociais e econômicas.

A desestruturação da ordem social anteriormente assegurada, sobretudo, pelo abrupto ingresso naquele cenário de uma moderna empresa capitalista, o grupo Farquhar não se fez acompanhar pelos agentes (escola, igreja, partidos políticos, etc.) capazes de difundir a ideologia de seus atores, preparando a consciência para a naturalidade para a submissão á ordem do sistema econômico.⁸

Segundo a autora, na região do Contestado a relação que existia entre os coronéis e os caboclos da região ou foi se modificando e tornando-se indireta. O sertanejo tem que vender sua força de trabalho aos donos das empresas, e os coronéis passam a ser porta vozes dos interesses do capital estrangeiro. Isto ocorria por que a modernização da sociedade colocava para homens e mulheres a necessidade de incorporar-se aos novos tempos, marcados pela supremacia do capital.

⁸ AURAS, Marli. **Guerra do Contestado**: a organização da Irmandade Cabocla. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1984. P. 46.

Com a implantação da estrada de ferro São Paulo-Rio Grande, o governo republicano concedeu a empresa construtora uma vasta área de terras que se estendia ao longo da ferrovia, assim que o houvesse término das obras. Para Marli Auras, a Guerra do Contestado teve origem na desestruturação da ordem existente no sertão, no sentido econômico e social, efetuada nas relações de compadrio entre sertanejos e os coronéis. Havia uma ordem de submissão dos sertanejos aos coronéis. Com a chegada do grupo Farquhar, rompe-se os laços entre os sertanejos e os fazendeiros. A terra deixa de ser uma concessão do coronel ao sertanejo e passa a ser propriedade privada, os sertanejos são expulsos de suas terras por grupos armados.

Se os moradores estabelecidos nesses territórios se recusavam a sair, a companhia enviava seu corpo de segurança para expulsá-los. Essa força militar era composto de duzentos homens que agiam sem a menor complacência contra o caboclo, incendiando-lhes as casas e roças e, às vezes ate massacrando suas famílias.⁹

A Guerra do Contestado surgiu dentro deste contexto político e econômico-social. A sociedade cabocla perdia definitivamente os direitos à terra. A presença de multinacionais passa a ameaçar a pacata vida que eles levavam. Como nenhum dos Estados que contestavam a área nem a igreja tinha interesse em dar auxilio a esta população, eles prendiam-se a crenças populares, buscando conforto para a vida e a alma. Segundo Auras o grande aglutinador, entretanto, de todos esses elementos, foi a crença que se espalhara na região a respeito de um monge identificado como santo São João Maria.

Por todo o interior abundavam os especialistas do sagrado: curandeiros, benzedores, puxadores de reza, capelães leigos, etc., mas nenhum deles fora tão venerado como João Maria, pois a figura do monge capitalizava a representação da possibilidade da negação da realidade vigente, fortemente opressora. Tendo em vista a pobreza, em todos os seus sentidos, reinante, a religião é o único apanágio do sertanejo.¹⁰

Os sertanejos passam a se organizar em redutos, tendo em vista a criação de uma nova ordem que atendesse suas necessidades. Os sertanejos isolados no interior do estado catarinense criaram uma forte rejeição ao poder vigente:

⁹ Idem, p. 40.

¹⁰ Idem, p. 48.

A religiosidade popular do Contestado dirigiu a ações dos sertanejos em SUS rejeição á realidade opressora. Esta ação, por sua vez, implicou na necessidade de se repensar seguidamente a própria representação religiosa, conferindo-lhe novas explicações, de modo a possibilitar a continuidade e a coesão do movimento rebelde.¹¹

Tendo em vista a análise do contexto social no qual estavam inseridos os sertanejos, a autora destaca elementos representativos de sua organização. Dentre eles estão à monarquia, que os caboclos defendiam como lei de Deus, em contraposição à república, a qual considerava como lei do diabo.

A fundação da monarquia aqui na terra seria uma obra dos céus um grande feito milagroso. Para integrar este reino, que seria a continuidade e a ampliação da ordem criada nos redutos, é que os caboclos construíram a irmandade.¹²

Como um segundo elemento representativo, a autora nos traz a “forma”, uma espécie de culto onde os participantes eram separados por sexo e função dentro do reduto. Representava o momento mais importante para a organização cabocla.

Para a realização da forma, os caboclos desenvolveram todo um ordenamento interno, acatado pelo conjunto de modo disciplinado. Tal ordenamento era religiosamente seguido sempre que a forma ocorria, em qualquer dos redutos.¹³

Em terceiro lugar dentre os elementos representativos estão as liderança caboclas, responsáveis por dirigir os redutos, que vão desde João Maria até Adeodato. “O líder dirá e fará o que o conjunto dos caboclos necessita ouvir e fazer. A irmandade o educa e é por ele educada.”¹⁴ Tendo em vista todas as situações as quais os sertanejos eram submetidos, a autora nos mostra no âmago do sertanejo, que cria uma visão de mundo, contrário às forças opressoras tanto das empresas multinacionais quanto do governo, pedindo a volta da monarquia.

A autora retrata a Guerra do Contestado através do ponto de vista marxista, pois aborda as relações de classe existentes entre os coronéis, os caboclos e a multinacional. Suas fontes também são muito amplas: abrangem desde

¹¹ Idem, p 155.

¹² Idem, p 157.

¹³ Idem, p 158.

¹⁴ Idem, p 160.

autores conhecidos como Mauricio Vinhas de Queiroz ate notícias publicadas em jornais da época.

2.3 TENDÊNCIA DA NOVA HISTÓRIA CULTURAL

Paulo Pinheiro Machado, professor doutor pela Unicamp, vem dedicando grande parte de sua vida acadêmica a estudar os movimentos sociais ocorridos no Estado de Santa Catarina. Entre suas linhas de pesquisa estão estudos sobre a cultura e trabalho nos movimentos sociais e rurais, estudos sobre o movimento do Contestado, história dos movimentos rurais no Brasil e história social da propriedade.

A obra de Paulo Pinheiro Machado a ser analisada é *Lideranças do Contestado*, publicado em 2004. A obra está estruturada em cinco capítulos. No primeiro capítulo, o autor aborda a temática dos bugres, tropeiros e birivas, dando uma noção geral sobre o povoamento do planalto. No segundo capítulo, retrata os aspectos institucionais, os quais abarcam desde a questão de limites ate a política de terras de Santa Catarina. O terceiro capítulo traz a questão do tempo do fanatismo, mostrando o papel dos monges dentro do Contestado. No quarto capítulo, aborda o tempo do jaguncismo, mostrando como os caboclos se estruturaram após a morte de José Maria. No quinto capítulo, aborda a história de Adeodato, sua luta e memória.

Machado, em sua obra *Lideranças do Contestado*, faz uma discussão sobre novas tendências e perspectivas de analisar e repensar a história. O autor inicia sua obra fazendo uma forte crítica a denominação “Guerra do Contestado” criado pelas forças militares:

Outra expressão não menos polemica é a própria denominação Guerra do Contestado. Indicada inicialmente pelos militares, por ela ficou batizado o conflito desenrolado no planalto catarinense entre 1912 e 1916. Talvez fosse mais adequada a denominação “Guerra no Contestado”, pelo fato de o conflito não ser uma Guerra entre os estados do Paraná e Santa Catarina, em disputa pela região litigiosa. De qualquer maneira, seria ainda denominação incorreta, já que a maior parte das “cidades santas” e dos conflitos ocorreram em territórios catarinenses não contestados pelo Paraná.¹⁵

¹⁵ MACHADO, Paulo pinheiro. **Lideranças do contestado**: a formação e a atuação das chefias caboclas (1912 – 1916). São Paulo, Unicamp, 2004. p 35.

O autor tem o intuito de romper com o paradigma tradicional, de uma história vista de cima, mostrando a história como decorrente de toda a ação humana. Ao falar sobre a denominação Guerra do Contestado, ele nos incita a observar como a história é construída e dominada pelas elites.

A questão das fontes históricas também é um aspecto importante retratado pelo autor:

Tendo conhecimento da existência de alguns sobreviventes dos redutos e de um bom numero de descendentes que procuram reproduzir a memória de seus pais, parti em sua busca, sem saber o que encontraria, nem como poderia utilizá-lo. As entrevistas e depoimentos orais não são as principais fontes consultadas para este trabalho, nem meu objetivo central é levantar a memória atual sobre o movimento caboclo. Procurei estes depoimentos pra complementar, e reforçar e, quando possível, chegar à pesquisa documental, já em si bastante problemática devido a escassez e à dispersão das fontes escritas.¹⁶

Por meio das fontes orais, o autor tenta se aproximar de uma história tanto vista de cima quanto de baixo; de como o movimento do Contestado é visto por quem realmente foi personagem principal da história desta guerra, pois a história oral revela aspectos peculiares da vida cotidiana do período. O autor espera obter com os depoimentos de remanescentes e descendentes dos antigos habitantes uma história vista de baixo, dos sertanejos que lutaram, deixando pouquíssimos registros escritos.

Dispersas por um grande numero de instituições, as fontes escritas guardam, principalmente, os registros dos militares e governantes sobre o conflito. As principais fontes militares encontram-se no arquivo histórico do exercito, onde há 32 caixas com toda a campanha do general setembrino de carvalho (telegrama, relatórios, ofícios, autos de pergunta a prisioneiros, inquéritos policiais e militares etc.).¹⁷

Segundo o autor, este material elaborado pelos militares participantes da campanha pode ser considerado como fonte primária, devido ao envolvimento direto dos militares nos acontecimentos ocorridos no Contestado. Tais fontes apresentam um Brasil atrasado, supersticioso, bruto e ignorante, tendo de ser reprimido pelas forças militares, representantes da ordem, da civilização do progresso e da ciência.

Voltando seu olhar para o movimento do Contestado, o autor nos apresenta as relações de compadrio entre o coronel e os peões:

¹⁶ Idem, p. 38.

¹⁷ Idem, p. 44.

o duplo batismo foi uma prática generalizada no planalto serrano, antes e depois da Guerra sertaneja; era uma modalidade tradicional também praticada por grandes fazendeiros, difícil de caracterizar como fenômeno que se possibilita tal ruptura. O compadrio era uma instituição complexa que ampliava as relações de solidariedade além das redes de parentesco¹⁸.

As relações de compadrio tinham como função reforçar e legitimar a patronagem dos fazendeiros sobre as famílias de peões e agregados, poder este que se vê abalado pela chegada das multinacionais. Um elemento que contribuiu fortemente para a instabilidade social na região contestada foi a introdução da estrada de ferro que ligava São Paulo ao Rio Grande do Sul, a Brasil Railway, companhia do empresário Percival Farquhar, responsável pela construção da ferrovia recebeu como forma de pagamento a concessão de quinze quilômetros para cada lado da ferrovia, causando um grave descontentamento na população cabocla que ali habitava:

Entre 1908 e 1910 houve um violento processo de grilagem no vale do rio do peixe. A Brasil Railway fez cumprir seu domínio sobre os terrenos devolutos as margens de até 15 quilômetros de cada lado do leito da sinuosa estrada de ferro. O objetivo era preparar as terras adjacentes para a exploração de madeira e venda de terras a imigrantes estrangeiros ou a filhos de colonos já nascidos no país para obter a posse direta destes territórios, habitados por posseiros caboclos e até posseiros legitimados, ou por proprietários de terras diretamente compradas do estado a companhia valeu-se um contingente armado comandado pelo coronel Palhares, antigo oficial da polícia paranaense. Este coronel adquirindo fama pelas violências praticadas na região.¹⁹

As pessoas que habitavam as margens da ferrovia não tinham a preocupação de registrar sua posse de terras, acabando por ser expulsas de suas moradas. Esta população ficou à mercê do tempo. Sem a ajuda do governo e sem o apoio da igreja, voltaram sua fé a um homem que lhes prometia a salvação da alma e uma vida mais digna. Ele era o monge João Maria.

Para o autor figura deste monge curandeiro, conselheiro e profeta, poder ter as mais diferentes origens e épocas. Mas, para o habitante do planalto catarinense só existiu um monge João Maria. Normalmente chamado de São João Maria, começou a circular pela região por volta de 1840 até o início do século XX. Para falar do monge, Machado utiliza a pesquisa de Oswaldo Cabral, autor já estudado anteriormente:

¹⁸ Idem, p. 69.

¹⁹ Idem, p. 148.

Oswaldo Cabral que realizou detalhada pesquisa sobre a figura de João Maria, afirma que existiram pelo menos dois homens distintos que exerceram esta função no planalto. O primeiro foi chamado de João Maria de Agostinho, de origem italiana tendo sua presença registrada em Sorocaba em 1844.²⁰

É importante lembrar que o primeiro monge João Maria tinha uma relação bastante próxima com a estrutura oficial da Igreja Católica, pois evitava o acúmulo de pessoas ao seu redor e levava a fé onde a igreja não atingia. Cabral identificou esta relação em registros deixados pelos sacerdotes em Sorocaba, na Lapa e no Rio Grande do Sul.

O segundo monge foi João Maria de Jesus possuía características em comum com o primeiro:

o segundo monge foi João Maria de Agostinho, o qual o coronel pinto soares afirmou ser um imigrante sírio de nome Anastas Marcaf. Testemunhos diretos afirmam que João Maria de Jesus tinha fala acastelhana, era proveniente de Buenos Aires e peregrinou pelo planalto entre 1890 e 1908. Afirmando que estava pagando uma penitência.²¹

Além da semelhança física este segundo monge adotou várias práticas de seu predecessor. Vários cruzeiros foram erguidos e várias águas santas foram sinalizadas pelo monge, que não admitia aglomerações ao seu redor. Mas havia também grandes diferenças; estas fariam com que estes monges fossem vistos com maus olhos pelo governo e igreja.

João Maria não aprovava o fim da monarquia, ou melhor, era contra a república; foi simpático aos federalistas no período de 1893 a 1895 e teve uma relação hostil com o clero católico; fazia batizados; propalava um discurso apocalíptico com grande receptividade no planalto.²²

Para João Maria de Jesus, o fim da monarquia representava o prenúncio de grandes catástrofes que atingiriam o mundo. Por duas vezes, João Maria de Jesus teve atritos com sacerdotes católicos. Aparentemente, a principal razão dos conflitos era o fato de ele batizar crianças. Ministras este sacramento era visto como uma brutal intromissão de um leigo em atividades reservadas apenas a membros ordenados do clero.

²⁰ Idem, p. 164.

²¹ Idem, p.167.

²² Idem, p.168.

Segundo o autor o terceiro monge tem um passado nebuloso, pois pouco se sabe sobre sua origem. Sua aparição publica foi por volta de 1912, quando diversos episódios se desencadearam precipitando a guerra sertaneja. Logo passou a ser visto com um olhar preconceituoso por parte das classes dominantes:

As acusações a Jose Maria vão desde o charlatanismo ate rapto de menores e abuso sexual de meninas. Os adversários do monge procuravam desqualificá-lo moralmente, precisamente nos pontos mais sensíveis aos costumes caboclos.²³

Mesmo com todas as acusações contra José Maria, a população passou a cultuar o monge como um santo, já que ele levava o conforto tanto espiritual quanto corporal para as vilas aonde nem a igreja e a medicina convencional chegavam. Toda e qualquer acusação contra o monge era totalmente negada pela população, que o seguia à espera de uma terra onde pudessem criar, em paz, suas famílias.

A real santificação de José Maria aconteceu em Irani, onde sacrificou sua vida enquanto lutava para proteger as famílias de seu reduto, compostas principalmente de mulheres, velhos e crianças, das forças militares hostis vindas do Paraná. A fé e a crença de que José Maria voltaria fez com que a população lutasse contra o governo, desencadeando uma revolta em todo o planalto serrano.

Como podemos observar existe uma grande diferença entre estas três obras pois, cada qual segue uma tendência diferentes. Cada autor tenta retratar o que dentro de suas perspectivas é mais importante, perspectivas estas que refletem diretamente no conhecimento contido nos livros didáticos que tem como objetivo auxiliar os estudantes em todo o território brasileiro. Através da análise destes livros podemos observar como estas tendências produzem e constroem o conhecimento.

²³ Idem, p. 175.

3 O CONTESTADO NOS LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA NO ENSINO FUNDAMENTAL (2000 A 2010)

A Guerra do Contestado representa um marco histórico na história de Santa Catarina e do Brasil e, sendo assim, deve ser lembrada e ensinada nas escolas. Mas como a Guerra do Contestado está representada nos livros didáticos utilizados atualmente nas escolas de Santa Catarina?

Circe Maria Fernandes Bittencourt, em seu livro “Ensino de História: fundamentos e métodos”, nos dá uma noção de como trabalhar com livros didáticos. Tendo em vista que tais livros são produtos de indústrias culturais, cada qual com seu processo de elaboração, a autora destaca três aspectos básicos para análise deste tipo de material pedagógico, os aspectos formais, o conteúdo escolar e seu conteúdo pedagógico.

Dentre os aspectos formais podemos ressaltar que o livro didático é um produto da indústria cultural, destinado aos professores, e tendo como público-alvo os alunos das escolas, consumidores em potencial deste material:

O livro como mercadoria, obedece a critérios de vendagem, e por essa razão as editoras criam mecanismos de sedução junto aos professores. Oferecendo-lhes cursos, criam materiais anexos que acompanham as obras e esmeram-se em apresentar os livros como um produto “novo”, seguidor das últimas inovações pedagógicas ou das propostas curriculares mais atuais.²⁴

Esta forma tem como principal função a apresentação da obra e de como estão divididos seus tópicos, os quais podem facilitar ou dificultar o trabalho dos alunos. Cabe ao professor definir qual o melhor material que se encaixa ao perfil de seus alunos, bem como a forma de utilizar este material.

A importância dos livros didáticos reside na explicação e sistematização de seus conteúdos pedagógicos os quais provem das propostas curriculares e da produção histórica. O livro didático torna-se um importante instrumento do trabalho docente desde que o professor saiba extrair do mesmo o conhecimento nele contido.

Um ponto negativo abordado por Bittencourt em relação ao livro didático é a forma como este apresenta seus conteúdos: “trata-se de textos que dificilmente

²⁴ BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de história: fundamentos e métodos**. São Paulo, Cortez, 2004, p. 311-312.

são passíveis de contestação ou confronto, pois expressam uma verdade de maneira bastante impositiva”.²⁵

A autora traz também a questão, dos conteúdos pedagógicos bem como as tendências pedagógicas que estes seguem. Como já visto no presente trabalho destacam a tendência tradicional, a tendência marxista e a Nova História cultural.

Seguindo os aspectos de pesquisa elaborados por Bittencourt, veremos como alguns livros didáticos utilizados nas escolas de Santa Catarina abordam a Guerra do Contestado.

3.1 HISTÓRIA: DAS CAVERNAS AO TERCEIRO MILÊNIO²⁶

Figura 2 - Livro didático elaborado por Patrícia Ramos Braick.



Fonte: O autor.

As autoras Patrícia Braick Ramos e Myriam Becho Mota dividiram o livro em quatro unidades, contendo ao todo quinze capítulos. O livro começa com uma apresentação geral sobre seus conteúdos e como ele encontra-se estruturado, para que o aluno tenha conhecimento de como se localizar no livro didático.

²⁵ Idem, p 313.

²⁶ BRAICK, Patrícia Ramos. **História: das cavernas ao terceiro milênio**. 2. Ed. São Paulo: moderna, 2010.

Algo muito importante é que as autoras fazem uma pequena retrospectiva sobre os conteúdos estudados no ano anterior, para que os alunos relembrem o que aprenderam e possam traçar uma linha de raciocínio sobre o conteúdo. Os conteúdos são apresentados de forma integrada, fazendo um paralelo entre a história local e a história geral, são muito resumidos e não aprofundam as discussões sobre o momento histórico que está sendo estudado. De um modo muito tradicional, apenas narra os fatos, não se preocupando em levantar críticas ou mesmo tentar fazer com que os alunos se posicionem criticamente sobre os conteúdos.

Os boxes estão presentes em quase todas as páginas. Boxes são pequenos textos ao longo do livro, onde estão presentes conceitos e curiosidades sobre o fato que está sendo estudado. As autoras trabalharam muito bem os boxes; são pontuais, não se prolongam muito, para não ficar maçante aos alunos.

Este livro didático apresenta muitas imagens, utilizadas para contextualizar e ilustrar os fatos históricos. Nas imagens está presente também o cotidiano das pessoas (moda, lazer, trabalho etc.). As autoras elaboraram várias atividades a partir de imagens ao longo do livro. Essas atividades são muito boas, pois fazem os alunos refletirem sobre o fato histórico, estimulando a busca por novas fontes históricas que não as meramente textuais.

À primeira vista, as atividades deste livro parecem ser elaboradas de maneiras diferentes. Em alguns capítulos, as atividades são elaboradas para que o aluno apenas decore partes do livro. A contra ponto há atividades, não muitas, onde o aluno precisa discutir sobre a pergunta e expor seu senso crítico e, a partir daí, elaborar uma resposta.

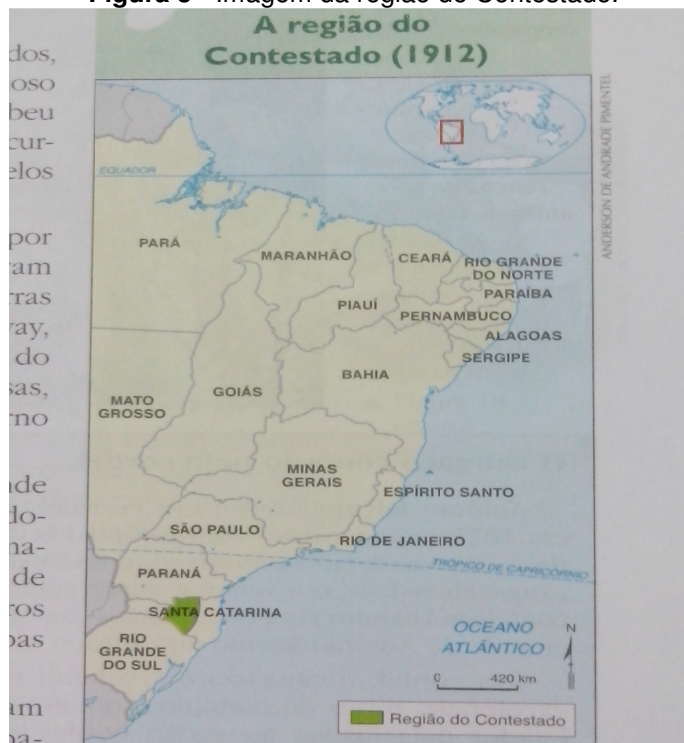
3.1.1 Contestado

As autoras Patrícia Braick Ramos e Myriam Becho Mota abordam o Contestado com uma ótica muito tradicional, apenas narram os fatos de forma superficial e obscura. O conteúdo é iniciado a partir do ano em que começou o conflito, ou seja, o ano em que ocorreu a primeira batalha entre os caboclos e as forças estaduais, esquecendo dos antecedentes, visto que este fato teve origem muito antes, tanto pela questão de limites entre Santa Catarina e Paraná, pela

presença de indústrias na região, e também por um viés religioso presentes nos três monges que estiveram presentes no local.

Patrícia e Myriam explicam o porquê desta Guerra ter sido chamada de Contestado, pois a área onde ocorreu a guerra estava em disputada por Santa Catarina e Paraná, para localizar a região do Contestado as autoras utilizam uma imagem retratando o mapa do Brasil, onde destaca no estado de Santa Catarina a região contestada, como podemos observar abaixo. A imagem apenas ilustra a região contestada com um olhar distante.

Figura 3 - Imagem da região do Contestado.



Fonte: O autor.

Não fica claro no livro quais os motivos para a Guerra do Contestado. As autoras apenas expõem fatos, sem aprofundar as discussões, como podemos observar neste trecho do livro didático:

Vários acampamentos surgiram na área, formados por pessoas pobres de diversas origens. Entre elas estavam posseiros e pequenos agricultores expulsos de suas terras devido às obras de construção da ferrovia Brazil Railway, estrada de ferro que ligaria São Paulo ao Rio Grande do Sul, e à ação de madeireiras na área. Essas empresas ligadas ao capital externo,

tinham recebido do governo concessões de terras para realizar suas atividades²⁷.

Percebemos na citação acima que o livro refere-se a um capital externo. Mas que capital é esse? E mais: o livro mostra que alguns agricultores foram expulsos, mas não diz a forma como isso ocorreu. O livro também não aborda a questão dos monges, apenas cita que houve um José Maria. As autoras referem-se ao monge como um líder messiânico que, após a morte, foi santificado pelos caboclos. Isso não é uma inverdade, realmente o povo acreditava que ele era o Messias, e que o mesmo os levaria para um lugar melhor.

Para finalizar o conteúdo, as autoras comparam a Guerra do Contestado com a Guerra de Canudos, onde as semelhanças são a presença religiosa e a questão das terras. Como podemos observar na elaboração do conteúdo, ficam de fora várias questões importantes, como o cotidiano da sociedade criada por José Maria. Reforçando ainda mais a tendência tradicional presentes neste livro, o conteúdo é quase todo voltado para economia e não aborda as relações de classe entre coronéis, caboclos e empresários.

²⁷ BRAICK, Patrícia Ramos. **História**: das cavernas ao terceiro milênio. 2 Ed. São Paulo: moderna, 2010, p 37.

3.2 HISTÓRIA E VIDA INTEGRADA²⁸

Figura 4 - Livro didático elaborado por Nelson Piletti.



Fonte: O autor.

O livro está dividido em seis unidades, com o total de vinte e cinco capítulos. O livro é apresentado de maneira que o leitor possa perceber como os conteúdos estão inseridos no livro didático, fazendo uma apresentação geral dos textos e atividades. Antes de cada conteúdo, há um texto sugerindo discussões sobre o tema trabalhado e apresentado o contexto histórico sobre o fato. O autor também trabalha com algumas questões que estimulam o leitor a recordar o que já estudou antes de abordar o tema em questão.

O autor segue a tendência marxista, pois em seus conteúdos estão presentes questões como a luta de classes. Nota-se também um posicionamento crítico sobre os fatos, retratando também o cotidiano das sociedades. Os conteúdos são bem aprofundados, de modo que se pode perceber tanto a história vista de cima quanto de baixo.

²⁸ PILETTI, Nelson: **história e vida integrada**. 4 ed. São Paulo: Ática, 2009. 320 p.

O texto possui uma linguagem acessível e dinâmica, de fácil compreensão. Apesar de narrativa, o autor faz considerações pontuais, não deixando o texto ficar maçante. O livro apresenta linguagens tanto textuais quanto imagéticas, dando aos leitores uma visão ampla dos fatos. Como é de costume nos livros didáticos, os boxes trazem conceitos e termos acadêmicos, aos quais nem todos os leitores têm acesso. Também estão presentes nos boxes textos complementares. Muitos deles servem para que o leitor tome um posicionamento acerca do conteúdo.

Dentre as várias linguagens do livro didático, o uso de imagens sempre prende mais a atenção. Neste sentido, o autor trabalhou com boas imagens, retratando não só o fato histórico mas também o cotidiano das pessoas. Várias atividades são elaboradas a partir das imagens, discutindo as entrelinhas da história.

As atividades deste livro são muito bem elaboradas, pois permitem ao aluno refletir sobre o tema antes de respondê-las. O autor trabalha com duas formas de atividades – estudar e organizar –, onde as questões estão relacionadas ao capítulo estudado. Outra forma de atividade é a leitura e reflexão, no qual o autor traz pequenos textos, tanto de livros como de jornais, estimulando o leitor a refletir sobre o texto. Neste momento, o estudante pode se posicionar perante a obra e expressar seu ponto de vista sobre ela.

3.2.1 Contestado

O autor inicia o conteúdo retratando o contexto histórico em que a Guerra do Contestado está inserida, bem como os motivos para a revolta dos caboclos como podemos observar neste trecho:

A Guerra do Contestado ocorreu entre 1912 e 1916, envolvendo cerca de 20 mil camponeses contra o exército, entre os estados do Paraná e Santa Catarina. Recebeu este nome por ter ocorrido numa área de litígio entre os dois estados. O conflito teve duas causas principais: a falta de terras para trabalhar e a construção da estrada de ferro São Paulo - Rio Grande do Sul, que passaria pela região.²⁹

Estão presentes no texto também duas imagens. Uma delas representa a região do Contestado e o percurso da estrada de ferro, dando-nos a dimensão da

²⁹ PILETTI, Nelson: **história e vida integrada**. 4 ed. São Paulo: Ática, 2009, p 62.

obra e as cidades por onde ela passou, sendo que informações como essa não estão presentes no livro analisado anteriormente.

Figura 5 - Mapa da região do contestado e o traçado da ferrovia.



Fonte: Livro didático de Nelson Piletti.

A outra imagem é uma representação de José Maria. Esta imagem tem por objetivo ilustrar uma atividade, na qual o autor traz um recorte de texto escrito por José Maria. Neste trecho, podemos observar os desejos dos sertanejos e também a perseguição causada pelo exercito: “agora é a polícia contra o povo do mato, nos só queremos paz e uma terrinha para plantar feijão e milho, para poder manter nossa criação”.³⁰

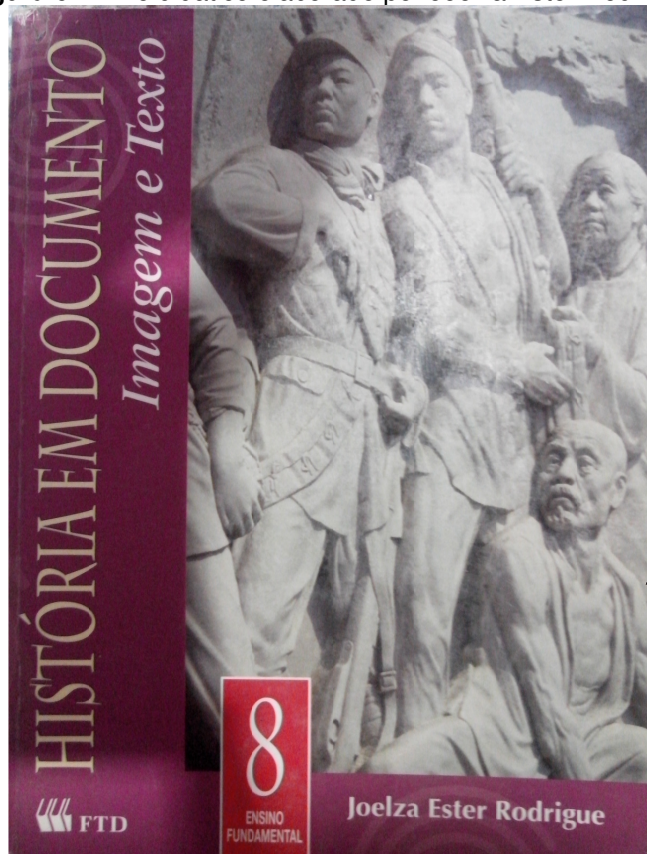
O autor retrata a questão religiosa do Contestado, mostrando o monge como um beato, ou seja, uma pessoa devota e de forte religiosidade, que reuniu a sua volta um grande número de seguidores. Segundo o autor, José Maria era visto como uma ameaça aos olhos do governo, por afirmar que a República era a lei do diabo, e que esta era causadora de todos os males e sofrimentos do povo. Tendo em vista esta ameaça, as forças do governo reprimem os redutos, dando origem à Guerra do Contestado, que teve seu fim em 1916 com a prisão de Adeodato, o último líder rebelde.

³⁰ PILETTI, Nelson: **história e vida integrada**. 4 ed. São Paulo: Ática, 2009, p. 63.

É possível observar em seu texto o leque de possibilidades de como a Guerra possa ter acontecido, não só por um viés econômico e político, mas também aspectos religiosos.

3.3 HISTÓRIA EM DOCUMENTOS: IMAGENS E TEXTOS

Figura 6 - Livro didático elaborado por Joelza Ester Rodrigue.



Fonte: O autor.

O livro apresenta uma linguagem fácil e dinâmica, tendo em vista a Nova História. Faz com que o aluno tenha um pensamento crítico, ressaltando não só a versão oficial dos fatos, mas também uma visão de todo o contexto no qual fato histórico se apresenta. O livro é dividido em capítulos, divididos em subtítulos, contendo não mais que duas páginas cada.

Os conteúdos são apresentados fazendo um paralelo com a história geral. As primeiras abordagens possuem um viés mais crítico, tendo como principal objetivo fazer com que o aluno reflita sobre o fato histórico, analisando criticamente o mesmo.

Os boxes apresentam curiosidades e também conceitos sobre o tema trabalhado, bem como textos complementares, que abordam o cotidiano das sociedades.

As imagens aparecem em quase todas as páginas, retratando personagens históricos, obras de arte e acontecimentos, pedindo aos alunos que reflitam sobre elas e se posicionem perante o conteúdo.

As atividades são bem elaboradas. Foge um pouco do modelo tradicional da memorização, e faz com que os alunos reflitam sobre as questões, abrindo leque de oportunidades para que os alunos expressem seu conhecimento e entendimento.

Este livro didático, elaborado por Joelza Ester Rodrigue, segue a tendência da Nova História, pois não se prende a fontes oficiais, como é possível observar ao final de cada capítulo. A autora traz várias reportagens de jornais e revistas que abordam não somente conteúdos, mas muitas curiosidades. Também dentre eles estão artigos como: *Lampião inspira artesãos que fazem sandálias em juazeiro* e *O nazismo: uma ameaça ainda presente*, que trazem para os dias atuais questões do passado. Como a autora mesmo diz, a função deste livro não é transmitir informações, e sim conhecimento.

3.3.1 Contestado

Em seu capítulo intitulado *Como o povo brasileiro resistiu à opressão*, a autora vê a guerra com um olhar de baixo, ressaltando a questão a qual o povo foi submetido:

Oprimidos pelos coronéis e expulsos de suas terras, os trabalhadores buscarão conforto nas pregações de beatos que perambulavam pela região, profetizando o fim do sofrimento e o início de uma nova era sem fome nem miséria.³¹

A autora traz várias questões que possibilitam o surgimento da revolta. Dentre eles, encontra-se o processo expansionista dos grandes fazendeiros que, para aumentar suas fazendas, expulsavam pequenos posseiros e indígenas. Para a autora, o grande motivo da revolta foi a implantação da estrada de ferro, a qual desalojou centenas de famílias, e a presença de grandes madeiras, que

³¹ RODRIGUE, Joelza Ester. **História em documento**: imagem e texto. São Paulo: FTD, 2000. p. 36.

destruíram a economia local. Dentro deste contexto, surgiram vários monges. O principal deles e que mais influenciou na revolta foi José Maria.

Apesar de pregar o fim do mundo e o início de uma Guerra Santa, José Maria criou uma sociedade igualitária, por muitas vezes reprimida pelo governo, fazendo com que o povo vivesse de forma nômade, mudando-se constantemente de lugar e criando vários redutos.

A autora trabalha com várias imagens que retratam a atuação das madeireiras na região do planalto, além de um mapa, que se refere ao território de Santa Catarina. Nele aparece não somente a região contestada, mas também os locais onde houve batalhas entre caboclos e as forças do governo.

Figura 7 - Mapa da região do Contestado, onde aparece não somente a região contestada mas também os locais onde houve as batalhas entre os caboclos e as forças do governo.



Fonte: O autor.

Segundo a autora, a guerra só acabou em 1915, com o extermínio dos crentes, ou seja, os seguidores do monge José Maria, e em 1916, com a assinatura do acordo de limites entre Santa Catarina e Paraná, o qual deu parecer favorável a Santa Catarina.

Podemos observar nestes três livros didáticos, grande influencia das tendências pedagógicas, pois cada qual traz grande diferença em seus conteúdos, apesar da estrutura de organização ser semelhante, a forma como os conteúdos são abordados é completamente distinta.

4 CONCLUSÃO

Os caboclos do planalto catarinense foram protagonistas da história ao longo da Guerra do Contestado. O conflito armado ocorreu como resposta às más condições de vida impostas pelo governo. A visão de mundo construída pelos caboclos era cheia de religiosidade. Os caboclos eram isolados do restante do país, vivendo da obtenção apenas dos mínimos vitais. A influência religiosa que perpetuava pelo sertão passou influenciar a vida dos sertanejos com a promessa de uma nova vida longe das dificuldades impostas pelos coronéis e as empresas multinacionais que os expulsavam de suas terras.

Criava-se no sertão um desejo de mudança de transformar a realidade social e econômica. Mas para que o movimento do Contestado fosse transformador, não bastava à elaboração de uma visão contrária á ordem dominante, mas deve-se ter uma visão de como que a nova sociedade será criada, criando nas mentes dos sertanejos que a única opção para a melhoria nas condições de vida é a revolução instalando assim no sertão a Guerra do Contestado.

Como é possível observar no primeiro capítulo temos várias tendências que norteiam o rumo da história. Essas linhas de pensamento travam entre si uma batalha de ideologias, que por sua vez tentam se aproximar o Maximo da verdade. Através da análise destas tendências é possível compreender o leque de possibilidades que a história abre tanto para o historiador quanto para os leitores que por sua vez adquirem um conhecimento não equivocado mas, que reflete a concepção histórica de cada autor.

A análise dos livros didáticos por sua vez, demonstra que o estudo de história vem se diversificando, pois cada livro didático segue uma tendência história, sendo assim é necessário que os docentes estejam aptos a escolherem os livros com os quais irão formar tanto o conhecimento quanto o censo critico de seus alunos.

Como é proposto nesta monografia o estudo de como a Guerra do Contestado esta representada nos livros didáticos, podemos perceber as inúmeras faces deste fato histórico pois, cada tendência age como uma peneira que deixa passar apenas o que é de seu interesse. Por isso a Guerra do Contestado pode ter várias formas de surgimento tanto por um viés econômico quanto político e também religioso. Em minha pesquisa pude perceber a soberania da tendência tradicional

pois a grande maioria dos livros lidos tem como base a economia e política e se prendem muito a fontes oficiais esquecendo de retratar a vida comunitária das sociedades. Por sua vez estes livros expressam uma visão de cima dos acontecimentos esquecendo de retratar as múltiplas vozes dos personagens que compõem este episódio de nossa história.

Para que fosse possível observar as diversas representações do Contestado utilizei apenas um livro de cada tendência, retratando desta forma a influencia destas ideologias na produção do saber histórico.

Tendo em vista os aspectos sobre a utilização e análise de livros didáticos elaborados por Circe Bittencourt, é possível perceber que grande maioria dos livros didáticos atuais são elaborados exclusivamente para venda. Tendo em vista este crescente mercado da indústria cultural autores e editoras, financiados por empresas capitalistas se preocupam em apenas transmitir informações e não conhecimento.

Talvez seja esta a grande causa para a soberania da tendência tradicional. Por isso que os professores devem sempre ter autonomia para a escolha de seu material pedagógico.

Em minha pesquisa abordei apenas uma pequena fração das possibilidades de estudo que a análise de livros didáticos nos oferece, esta fonte histórica é rica em opções, como a análise de imagens, cotidiano, bem como política e economia. Tendo em vista a formação e a preparação dos alunos, o livro didático não deve ser utilizado como único recurso pois são sempre muito superficiais, cabe ao professor trazer novas fontes de conhecimento pra as escolas pois a missão de um professor de história é formar um cidadão critico que possa se posicionar perante a sociedade, que não apenas reproduza, mas que gere novos conhecimentos.

REFERÊNCIAS

AURAS, Marli. **Guerra do Contestado**: a organização da Irmandade Cabocla. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1984. 177 p.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de história: fundamentos e métodos**. São Paulo, Cortez, 2004, 408p.

BURKE, Peter. **A escrita da história novas perspectivas**. São Paulo: Ed. UNESP, 1992. 354 p.

CABRAL, Oswaldo Rodrigues. **A campanha do contestado**. 2. ed. Florianópolis: Lunardelli, 1979. 358 p.

MACHADO, Paulo pinheiro. **Lideranças do Contestado**: a formação e a atuação das chefias caboclas (1912 – 1916). São Paulo, Unicamp, 2004. 397 p.

Referências dos livros didáticos

BRAICK, Patrícia Ramos. **História**: das cavernas ao terceiro milênio. 2 Ed. São Paulo: moderna, 2010.

PILETTI, Nelson: **história e vida integrada**. 4 ed. São Paulo: Ática, 2009, 320 p

RODRIGUE, Joelza Ester. **História em documento**: imagem e texto. São Paulo: FTD, 2000.

Referência da imagem

Disponível em: <<http://www.estudopratico.com.br/Guerra-do-Contestado-causas-consequencias-e-imagens>> Acesso em 27/10/2013.